

PAUL RICOEUR: OS SENTIDOS DE UMA VIDA

DOSSE, F. **Paul Ricoeur**: os sentidos de uma vida (1913-2005). Tradução Roberto R. Lauxen, Gonçalo Marcelo, Hugo Barros, Andrés Bruzzone. São Paulo: LibersArs, 2017. 649p.

Título original: *Paul Ricoeur: les sens d'une vie (1913-2005)*

Wanderley Martins da Cunha*

Historiador especialista em história intelectual e biografias, François Dosse é um autor conhecido do público brasileiro, principalmente pelos dois tomos que compõem a sua *História do estruturalismo*. Assim, já conhecemos sua capacidade de elaborar uma narrativa rica em conteúdo, rigorosa em termos historiográficos e com um estilo agradável ao leitor. No caso de *Paul Ricoeur: os sentidos de uma vida (1913-2005)*, F. Dosse se serviu de 170 testemunhos colhidos em entrevistas realizadas entre 1994 e 1997 para efetuar a reconstrução histórica do itinerário intelectual de um dos mais emblemáticos filósofos da segunda metade do século XX. Numa obra bastante volumosa (649 páginas na edição brasileira!), articulando as sucessivas paisagens intelectuais percorridas pelo filósofo francês em sua longa vida (filosofia reflexiva, fenomenologia, hermenêutica etc.), a sucessão de lugares onde ele viveu (por exemplo: Rennes, onde viveu até concluir seu mestrado em filosofia; a Pomerânia Oriental, onde esteve preso no campo de Gross-Born; Estrasburgo, onde começou seu magistério universitário e Châtenay-Malabry, nos arredores de Paris, onde faleceu no dia 20 de maio de 2005) e as inúmeras instituições e grupos nos quais Ricoeur teve oportunidade de ministrar cursos e conferências (os fóruns do movimento *Christianisme Social*, o círculo de reflexão organizado por Marcel, os debates promovidos pela revista *Esprit*, os seminários que coordenava no Laboratório de fenomenologia, só para citar alguns), François Dosse, a partir de um emaranhado de referências, coloca diante do leitor os traços biográficos, textuais e existenciais que constituem a identidade de Ricoeur não só como filósofo consagrado no início do século XXI, mas também como jovem militante político e protestante engajado nas questões sociais nos anos 30 do século passado e como professor dedicado a seus alunos seja

* Doutor em filosofia/PUC-SP. Professor de filosofia da PUC Minas. E-mail: wmcunha@ig.com.br.

na Universidade de Estrasburgo, na Sorbonne ou na Universidade de Chicago. Para dar conta do longo e rico itinerário intelectual de Paul Ricoeur, Dosse elaborou uma obra verdadeiramente monumental, dividida em dez grandes capítulos.

Nos três primeiros capítulos, em meio aos fatos e circunstâncias que emolduraram a formação filosófica de Ricoeur, Dosse se dedica inicialmente a apresentar como se deu o contato do filósofo com as principais correntes e autores que estão na gênese do pensamento ricoeuriano. Mencionando que a filosofia foi uma paixão que surgiu em Ricoeur desde a época em que era aluno do Liceu de Rennes, Dosse ressalta a marca indelével que o então professor de filosofia desse Liceu, Roland Dalbiez, o primeiro francês a defender uma tese sobre Freud, deixou em seu jovem aluno. Defendida sua dissertação (*memoire*) de mestrado sobre *O problema de Deus em Lachelier e Lagneau*, através da qual Ricoeur insere seu incipiente pensamento na tradição reflexiva francesa, já em Paris, nos idos de 1934-1935, ele é introduzido nos encontros de filosofia que Gabriel Marcel organizava em sua residência nas sextas-feiras às 17 horas, ao mesmo tempo em que, enquanto aspirante à agregação, segue os cursos de Robin, Bréhier e Brunschvicg na Sorbonne. Além de registrar como se deu a formação filosófica de Ricoeur e como foi a inserção dele nos círculos intelectuais parisienses, ainda nos capítulos iniciais de sua obra, François Dosse também dedica páginas importantes para documentar o engajamento de Paul Ricoeur no movimento personalista de Mounier, articulado à *Revue Esprit*; bem como no movimento socialista-cristão articulado à *Revue du Christianisme Social* e fortemente influenciado pelo político de esquerda André Philip. Dosse salienta que vai ser nessas e em outras revistas “não conformistas” da época que o jovem filósofo publicará seus primeiros artigos, muitos dos quais brevemente retomados pelo autor (p. 59 *et seq.*), o que faz do livro de Dosse uma fonte de pesquisa imprescindível para aqueles que querem conhecer o conteúdo das primeiras publicações de Ricoeur. Concluindo a fase de gênese do pensamento ricoeuriano, o autor enfoca os longos cinco anos em que Ricoeur permanecerá no campo de prisioneiros em Gross-born na Polônia. Dosse descreve, com base nos depoimentos que colheu, como era a vida do prisioneiro Ricoeur nesse campo e como ele se serviu da intensa atividade intelectual e cultural lá organizada para aprofundar seus estudos em filosofia alemã (são nesses anos que Ricoeur efetua a tradução das *Ideen I* de Husserl e, juntamente com Dufrenne, empreende uma leitura minuciosa da obra de Jaspers). Após sua libertação, e a longa marcha de retorno detalhadamente descrita por Dosse (p. 99 *et seq.*), Ricoeur vai trabalhar num colégio em Chambon-sur-Lignon no Alto

Loire, onde permanecerá até 1948. François Dosse esclarece em seu texto que, no imediato pós-guerra, tempo do sucesso triunfal de Sartre, embora longe da agitação parisiense, Ricoeur não permaneceu alheio às interrogações e angústias próprias daqueles dias, como por exemplo o desafio de fazer dialogar filosofia da existência e fé cristã. A esse respeito, especificamente, Ricoeur assume uma posição crítica perante a distinção sartriana entre existencialismo cristão e ateu. Seguindo uma via existencialista que se nutre de Marcel, Jaspers e Kierkegaard, ele procura instaurar um espaço de diálogo entre convicções religiosas e problematização filosófica.

Com a sua nomeação para a Universidade de Estrasburgo como *maître de conférences*, encerra-se para Ricoeur o tempo de reflexão afastado da efervescência urbana, ao passo que começa sua rápida ascensão universitária. François Dosse dedica cerca de duzentas páginas dos capítulos IV-VI para reconstruir esse período do itinerário intelectual ricoeuriano. Os anos de Estrasburgo (1948-1956) são apresentados como sendo um período muito feliz para o filósofo. Além de descrever como era a convivência familiar de Ricoeur (p. 149 *et seq.*) e de relatar as suas atividades extrauniversitárias seja em grupos cristãos interconfessionais, seja na Federação Protestante de Ensino, Dosse esforça-se para reconstruir toda a atmosfera em torno do dia 29 de abril de 1950, data em que Ricoeur obtém o grau de doutor em filosofia com menção muito honrosa, ao defender sua tese que alargava a análise fenomenológica das operações da consciência, aplicada à percepção em Husserl, em direção da vontade, descrevendo as diversas formas de reciprocidade do voluntário e do involuntário. Dosse dedica-se também a comentar alguns artigos que Ricoeur publica no período, dentre os quais estão dois de seus textos mais famosos: “O *socius* e o próximo” e “O paradoxo político”. Em 1956, Ricoeur é eleito para a Sorbonne. Em que pese a sua consagração como professor universitário nesse prestigiado lugar da academia francesa, a partir do que testemunha o próprio filósofo, F. Dosse descreve os anos da Sorbonne (1957-1964) como sendo um período particularmente desconfortável da vida de Ricoeur. Todavia, observa o autor, mesmo incomodado com o academicismo, com a estagnação intelectual e com a ausência de debate (mesmo entre os próprios docentes) que imperavam na Sorbonne daqueles tempos, Ricoeur fazia sucesso entre os alunos devido ao sentido pedagógico, à densidade de seus cursos e por acolher projetos de tese não convencionais. Dosse dedica páginas importantes de seu livro para descrever como se dava a relação de Ricoeur com seus orientandos, destacando que, em especial, Ricoeur atrai os estudantes interessados em fenomenologia: Guy Petitdemange, Jean-Luc Nancy, Vincents Descombes, dentre outros, escolhem-no como orientador. Um

jovem e promissor intelectual, J. Derrida, à época também empenhado na difusão do pensamento husserliano, enquanto professor-assistente, trabalha sob a coordenação de Ricoeur por quatro anos, até assumir um posto da ENS. Dosse destaca que em seu magistério na Sorbonne, Ricoeur não apenas é o grande introdutor de Husserl, mas também aquele que inicia os estudantes na leitura dos clássicos: Platão e Aristóteles (p. 229). Em 1960, Ricoeur publica *Finitude et culpabilité*, segundo volume de sua *Filosofia da vontade*. Dosse se esmera em mostrar como o filósofo, ao valorizar o símbolo, leva em conta, de forma bastante séria, a predominância dada à linguagem pelas ciências humanas e o desafio que isso significa para um projeto filosófico situado na confluência da tradição reflexiva e fenomenológica (263 *et seq.*). Além de se deter na reconstrução do itinerário acadêmico de Ricoeur no período que corresponde a seu magistério na Sorbonne, o autor se empenha também em informar aos leitores como era a vida extrauniversitária de Ricoeur. Por um lado, mostra como era o cotidiano do filósofo e de seus familiares na comunidade dos Muros Brancos, em Châtenay-Malabry, propriedade coletiva constituída no pré-guerra (1939) a partir do desejo de Mounier de concretizar o ideal comunitário do personalismo; por outro lado, apresenta a conjuntura que levou Ricoeur a assumir a presidência laica do movimento Cristianismo Social desde 1958 até 1970, descrevendo detalhadamente as principais intervenções do filósofo nesse importante fórum.

Nos capítulos VII e VIII, F. Dosse se dedica a reconstruir historicamente o itinerário de Ricoeur entre 1965 e 1985, período em que o filósofo sofre severas contestações, e seu pensamento passa por um longo eclipse. Primeiramente, o autor se detém num momento particularmente conturbado na vida de Ricoeur: o período que se estendeu entre os anos 1965-1970. No plano de sua produção intelectual, esse período compreende o confronto de Ricoeur com a psicanálise freudiana e com o estruturalismo de Levi-Strauss. Acerca da psicanálise, Dosse indica que desde 1960, num trabalho paralelo e independente em relação a Lacan, em que pese ter participado de algumas sessões do seminário animado pelo famoso psicanalista francês, Ricoeur vinha construindo o quadro teórico de seu famoso livro sobre Freud publicado em 1965. Dosse descreve como Lacan passou da fascinação à provocação em relação à interpretação ricoeuriana do freudismo, culminando nos lastimáveis ataques dos lacanianos à idoneidade moral e intelectual de Ricoeur (acusação de plágio), e numa campanha pública de desqualificação do filósofo como leitor de Freud (p. 273 *et seq.*; 282 *et seq.*). Essas páginas de Dosse são particularmente importantes para o estudioso do

pensamento francês contemporâneo por restituir, tanto tempo depois, a verdade dos fatos. O autor também expõe os mal-entendidos provocados pela singularidade da via hermenêutica seguida por Ricoeur. Dentre outras incompreensões, Dosse menciona que os estudiosos da hermenêutica acusam Ricoeur de não ter desenvolvido uma abordagem sistemática, limitando-se a um debate apologético centrado no “conflito das interpretações” que visava apenas defender o enfoque hermenêutico em face às ameaças da psicanálise e do estruturalismo. Dosse pondera que “essa redução da obra de Ricoeur a uma simples apologia dificilmente faz justiça à originalidade de sua contribuição” (p. 319). Outro fator que fez com que a segunda metade dos anos 1960 fosse difícil para Ricoeur está relacionado com o fracasso de sua atuação institucional à frente da então recém-criada Universidade de Nanterre. Com base na análise de correspondências, comunicados e documentos oficiais, além de artigos de entrevistas e artigos publicados em jornais e revistas na época, Dosse reconstrói o clima de contestação que Ricoeur, enquanto diretor administrativo de Nanterre, enfrenta nos primeiros meses de 1970. Ele recupera toda a repercussão dos principais episódios (por exemplo, o protesto no qual estudantes cospem no rosto de Ricoeur e derramam o conteúdo de uma lixeira sobre sua cabeça, bem como as circunstâncias da invasão do *campus* pelas forças policiais) que levaram um Ricoeur amargurado, deprimido e com a sensação de um total fracasso a pedir demissão como decano de Nanterre. Todas as contestações acima mencionadas, somadas à derrota de Ricoeur para Foucault na eleição para o Collège de France (novembro de 1969), são apresentadas por Dosse como os principais fatores que causaram um relativo eclipse do pensamento de Ricoeur em cenário francês, que de consagrado professor da Sorbonne passa a um filósofo relegado às fronteiras até meados dos anos 80. Na década de 70, anos de predominância do pensamento estruturalista no mundo intelectual francês, Dosse relata que em sua pátria Ricoeur apenas conduziu na Sorbonne um seminário pouco conhecido no cenário intelectual parisiense, mas que ganha gradativa projeção internacional pela presença de grande número de pesquisadores estrangeiros. Todavia, as temáticas desenvolvidas por Ricoeur nesses seminários (filosofia da linguagem; filosofia da imaginação; semântica da ação e narratividade) constituem o trabalho subterrâneo que alimentará a obra posterior do filósofo. Nessa mesma época, o magistério em universidades estrangeiras (Louvain e Chicago) constituiu-se na outra grande fonte de alimentação das pesquisas ricoeurianas que redundaram na publicação de *A metáfora viva*, *Do texto à ação* e na trilogia de *Tempo e narrativa*. Dosse ressalta também que a experiência de docência em diversos *campi* da América do Norte foi de suma importância para Ricoeur nesse período de

eclipse francês de seu pensamento, pois permitiu que ele reencontrasse sobretudo o prazer de ensinar filosofia. Além de elencar uma série de filósofos que foram diretamente influenciados pelo magistério de Ricoeur, F. Dosse nos mostra como a repercussão do pensamento ricoeuriano nos Estados Unidos contrasta claramente com a recepção de sua obra na França. Por exemplo: o *Ensaio sobre Freud*, publicado nos EUA em 1970 sob o título de *Freud and philosophy*, tem imediato sucesso editorial e está na raiz da popularidade norte-americana de Ricoeur. Todavia, em terras estrangeiras, Ricoeur não pretende ser apenas um exportador da filosofia continental, mas empreende um verdadeiro diálogo com a filosofia analítica, que já transparece tanto em *A metáfora viva* (1975), quanto na Trilogia sobre a historicidade, na qual, conforme F. Dosse nos lembra, Ricoeur se serve das teorias narrativistas da filosofia analítica para oferecer uma resposta à desconfiança estruturalista acerca de qualquer incursão extralinguística (p. 434). A propósito, as páginas que Dosse dedica a *Tempo e narrativa* (p. 434 *et seq.*) são de grande importância ao leitor que deseja se inteirar dos debates filosóficos subjacentes a essa verdadeira suma sobre a temporalidade, cuja publicação possibilitou a Ricoeur “um retorno espetacular para o palco principal da intelectualidade francesa” (p. 473).

Os dois últimos capítulos de sua imensa obra dedicada ao itinerário intelectual de Paul Ricoeur, François Dosse dedica-os aos vinte últimos anos de vida do filósofo. Páginas de acentuada delicadeza e equilíbrio são aquelas dedicadas pelo autor ao drama pessoal que Ricoeur teve que enfrentar em 1986 quando seu filho Olivier pôs fim a seus dias, jogando-se de uma janela. Embora enfrentasse o trágico em sua vida pessoal, a partir de meados dos anos 80, uma vez extinta a polêmica entre humanismo e estruturalismo, uma nova geração de intelectuais franceses descobre Ricoeur e atesta a atualidade e pertinência não só dos trabalhos recentes do filósofo, mas também de seus textos mais antigos. F. Dosse registra como um amplo movimento de consagração e celebração do filósofo francês se instaura na França, tendo como ponto alto o colóquio de junho de 1987 animado com Christian Deschamps no Centro Georges-Pompidou e que serviu de preparação para o número duplo da *Esprit* (publicado no verão de 1988) consagrado à renovação da filosofia política que o pensamento ricoeuriano possibilita. Nesse mesmo ano, Jean Greisch e Richard Kearney organizam a famosa *décade* de Cerisy-la-Salle consagrada à avaliação da fecundidade dos principais conceitos então recentemente forjados por Ricoeur, tais como verdade metafórica, síntese do heterogêneo, identidade narrativa. Consagração ainda maior Paul Ricoeur obtém por ocasião da publicação de *O Si-mesmo como um outro* (1990), obra considerada como uma retomada de todo o percurso filosófico do autor a partir da questão do “homem capaz”. A essa obra

talhada num profundo diálogo com filosofia analítica de língua inglesa, F. Dosse dedica páginas imprescindíveis àqueles que pretendem se iniciar na leitura desse texto tão denso de Ricoeur (p. 488 *et seq.*). Por fim, Dosse reserva as páginas finais de seu livro às múltiplas intervenções de Ricoeur para esclarecer as questões mais significativas da Cidade, mostrando como o octogenário filósofo procurava ser contemporâneo de seu tempo, ao reorientar seu pensamento para questões relativas à ética e à filosofia social e política contemporânea. A exposição de Dosse entretanto esclarece que ser “um filósofo na Cidade” era uma posição assumida por Ricoeur desde os primórdios de seu itinerário intelectual, conforme atestam numerosas intervenções do filósofo recolhidas pelo autor (534 *et seq.*), cuja leitura certamente desfará o equívoco de se considerar Ricoeur, como o fizera Althusser nos anos 60, um antiquado pensador espiritualista a ser combatido. Já nos anos 90, o engajamento social e político de Ricoeur articula-se em torno de sua preocupação com as disfunções da justiça. Fruto principalmente de uma crescente colaboração de Ricoeur com o Institut de Hautes Études sur la Justice coordenado por Garapon, temos os dois volumes de *O justo*, coletânea de textos de Ricoeur, para os quais Dosse nos oferece uma pertinente contextualização. No ano 2000, Ricoeur volta ao proscênio do debate acadêmico com a publicação de *A memória, a história, o esquecimento*. Dosse dedica um importante tópico do capítulo final de seu livro a esclarecer por que a repercussão dessa obra de Ricoeur, quando de sua publicação, é sem parâmetro com relação aos livros precedentes do filósofo ao gerar um renovado e fecundo debate com os historiadores acerca da escrita da história e a representação do passado (p. 601 *et seq.*). Por fim, antes de descrever como Ricoeur, mesmo debilitado, ainda tenta produzir (deixou inacabado um texto sobre a morte) e de mostrar como foram os últimos dias do filósofo antes de morrer serenamente durante o sono, Dosse examina a última publicação de Ricoeur *Percurso do reconhecimento*, indicando como essa obra de 2004 obtém uma excelente recepção para além dos círculos filosóficos especializados. Ao listar os inúmeros prêmios e condecorações que o filósofo recebe no final dos anos noventa e início dos anos dois mil, Dosse evidencia que Paul Ricoeur, cuja importância para a filosofia francesa durante longos anos foi subestimada, finalmente foi reconhecido como o autor de uma das obras filosóficas de maior densidade e potencial heurístico do século XX.

Paul Ricoeur: os sentidos de uma vida (1913-2005), desde que foi publicada na França, em 1997, tornou-se um clássico para os estudos ricoeurianos. Ainda que tardiamente colocada ao dispor do público brasileiro, a leitura dessa obra permanece sendo um convite à comunidade filosófica para que se aproprie do legado ricoeuriano que, embora construído a

partir de inúmeros *detours*, não é um mosaico de referenciais teóricos que facilmente resvalaria para um ecletismo filosófico. A leitura da obra de Dosse nos mostra claramente que, sem se fixar a uma única corrente ou escola filosófica, Ricoeur construiu uma obra na qual convergem temas, problemas e referenciais teóricos resultantes da ampla investigação filosófica empreendida no século passado. Por isso mesmo, ao percorrer as páginas de F. Dosse, podemos entender melhor por que o legado filosófico de Ricoeur pode ser considerado, ao mesmo tempo, uma das expressões mais fidedignas da filosofia do século XX e, certamente, um dos paradigmas candidatos a balizar as pesquisas das próximas gerações de filósofos.